

SÁBADO

CIÊNCIA & SAÚDE

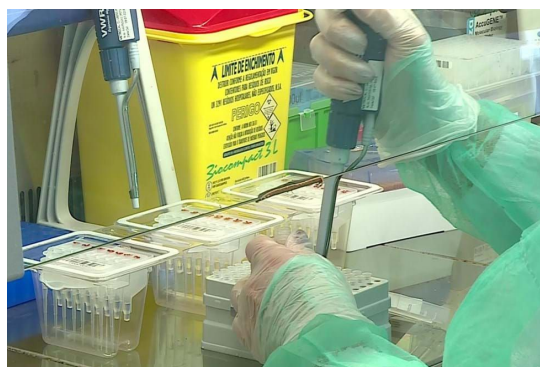
Nova variante: Há razões para estarmos atentos, mas "não em pânico"



[Lucília Galha](#) 26 Novembro 2021

Ainda não há certezas de que possa mesmo ser mais transmissível, nem sequer de que possa pôr em causa a eficácia das vacinas. "É cedo para especular", diz Miguel Prudêncio. Mesmo com tantas mutações, as diferenças podem não ser suficientes para o nosso organismo deixar de reconhecer o vírus.

Ainda que a notícia de uma nova variante potencialmente mais perigosa e transmissível do SARS-CoV-2 possa ser alarmante, calma: ainda é cedo para especular, concordam os especialistas ouvidos pela **SÁBADO**.



Aquilo que se sabe é que a B.1.1.529 foi identificada recentemente, já este mês de novembro, na África do Sul, associada ao aumento de casos de

infecção ali registrados. Tem um número de mutações na chamada proteína Spike (que é responsável pelo vírus invadir as nossas células) "anormalmente elevado", mas muitas delas já identificadas noutras variantes, e que se pensam estar associadas a uma maior transmissibilidade.

Contudo, "não existem quaisquer dados que indiquem que esta nova linhagem seja mais transmissível ou possa originar problemas em termos de eficácia vacinal", explica à **SÁBADO** o Núcleo de Bioinformática do Departamento de Doenças Infecciosas do Instituto Nacional Doutor Ricardo Jorge (INSA). Razão: nem sempre o aparecimento simultâneo de várias mutações tem tido consequências.

Miguel Prudêncio, investigador do Instituto de Medicina Molecular, corrobora que "há razões para estarmos atentos, mas não em pânico". "O receio de que as vacinas possam não ser eficazes com esta mutação não está demonstrado e é muito cedo para especular", diz à **SÁBADO**.

O que pode estar aqui em causa é a capacidade de o nosso sistema imunitário reconhecer o vírus e defender o nosso organismo. Ou seja, as vacinas o que fazem é apresentar ao sistema imunitário aquela proteína do vírus, a tal proteína Spike, para que se monte uma resposta que bloqueie o vírus e o impeça de infetar as nossas células. "É como mostrar uma fotografia daquilo que o nosso organismo tem de reconhecer para aprender a atacar", compara o investigador, especialista em vacinas.

Com as mutações, a fotografia pode ficar desatualizada, "mas não sabemos que diferenças especificamente é preciso que existam entre a suposta fotografia e o coronavírus para que as vacinas deixem de nos proteger", diz. O que significa que, mesmo apesar de diferente, o vírus pode continuar a ser "reconhecível". Voltando à metáfora da fotografia: "Imaginemos um homem de cabelo loiro e barba, que muda a cor do cabelo e corta a barba. Isso não é suficiente para o deixar de reconhecer. Mas se houver alterações drásticas na minha aparência, pode ficar mais difícil", admite.

O especialista explica também que, embora o número de mutações possa ter alguma influência, não é tanto o número que interessa mas o "impacto que estas alterações têm no aspeto final". Mas sem dúvida que quanto mais mutações, maior o risco de haver diferenças determinantes, assume também.

Para perceber se as vacinas atualmente disponíveis são eficazes contra esta variante será preciso esperar algum tempo. Porquê? Porque, além dos anticorpos gerados pela vacina, existe outra barreira de defesa no nosso organismo, as chamadas células T. "Perceber se os anticorpos neutralizam o vírus deve saber-se no máximo dentro de duas semanas, com um ensaio em laboratório. Basta pegar nos anticorpos e juntar o vírus alterado", explica Miguel Prudêncio. Já em relação às células T, não é possível fazer o teste em laboratório. "É mais complicado perceber, mas as células T são mais tolerantes às variações do que os anticorpos", diz o especialista.

Se a nova variante vai chegar a Portugal, também ainda é uma incógnita. "A verdade é que a Delta também se tentou conter e acabou por chegar mas, neste momento, está circunscrito à África do Sul, Bélgica, Israel e Hong Kong", diz Miguel Prudêncio. Também o INSA mantém uma postura prudente: "Portugal está atento a esta situação, mantendo o seu programa contínuo de monitorização de variantes a nível nacional".